CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
19 e 25 de Novembro de 2026

VANISHING VIRGINIAN/ 1941

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Jan Fortune, segundo um romance de Rebecca Yancey Williams / Fotografia: Charles Lavton / Direcção Artística: Cedric Gibbons / Música: David Snell e Lennie Hayton/ Montagem: James H. Newcom / Intérpretes: Frank Morgan (Robert Yancey), Kathryn Grayson (Rebecca Yancey), Spring Byington (Rosa Yancey), Natalie Thompson (Margaret Yancey), Douglass Nevland (Jim Shirley), Mark Daniels (Jack Holden), Elizabeth Patterson (Avó), Juanita Quigley (Caroline Yancey), Scotty Becket) (Joel Yancey), Dickie Jones (Robert Yancey Jr), Leigh Whipper (Tio Josh), Louise Beavers (Tia Emmeline), J.M. Kerrigan (John Phelps), Harlan Briggs (Mr. Rogard), Katharine Alexander (Marcia Mershell). Produção: Frank Borzage e Edwin Knopf, para a MGH / Cópia em 35mm, preto e branco, versão original legendada electronicamente em português / Duração: 97 minutos / Estreia Mundial: Los Angeles, em 3 de Dezembro de 1941 / Inédito em Portugal.

***

Vanishing Virginian é uma belíssima peça de «Americana». E as características peculiares deste tipo de cinema, feito em louvor das tradições e do espírito dos pioneiros que construíram a nova nação, não o tornam particularmente exportável, o que explica que jamais se tenha estreado entre nós (juntamente com *That's My Man*, é o único filme de Borzage dos anos 40 inédito em Portugal). É claro que o elenco, apesar de encabeçado pelo grande Frank Morgan (embora geralmente limitado a papéis de composição, mas que papéis!), também não era especialmente apelativo para o mercado. Para além dele, apenas se destacam a deliciosa matrona Spring Byington, protótipo de mãe americana, numa excelente composição, e o «pequeno rouxinol» que nos anos quarenta despertava sonolentos cinéfilos com os seus trinados, Kathryn Grayson (que seria vedeta em *Anchors Aweigh*, *Till the Clouds Roll By* e *That Midnight Kiss*), nova descoberta da MGM, lançada para tomar o lugar da fanada estrela de *Smilin' Through* (Jeanette MacDonald), nesse mesmo ano, em *Andy Hardy's Private Secretary*. A popularíssima série Andy Hardy foi, aliás, um autêntico viveiro de novas estrelas, onde o estúdio testava as suas habilidades e reacção popular. Judy Garland, Lana Turner, Donna Reed, Esther Williams e Susan Peters foram outras que por lá prestaram provas.

Vanishing Virginian constitui, por isso, para além de uma descoberta, uma verdadeira surpresa. É mesmo um dos mais bonitos filmes de Borzage, fora do estilo dramático a que nos habituou. Não que a «Americana» seja um modelo estranho ao cinema de Borzage. Nela se podem incluir filmes como *Lazybones* e, em parte, *Secrets* e *They Had to See Paris*. E a atmosfera de nostalgia e descrição das pequenas comunidades é a base de *Song o' My Heart*. Aliás, mais do que qualquer outro, é por vezes deste filme que nos lembramos, não por qualquer semelhança de tratamento (*Vanishing Virginian* é infinitamente superior ao anterior), mas porque também ele representa uma incursão no universo tão característico de (lá vou eu de novo!) John Ford. Ligação testemunhada pela presença, mais uma vez, de J. M. Kerrigan, por um lado, e pela representação da pequena comunidade virginiana e dos seus habitantes, tão característicos como nos filmes do autor de *The Man Who Shot Liberty Valance*, nas representações do espírito e das qualidades dos pioneiros. Mas, se *Vanishing Virginian* lembra Ford, é mais o de *The Sun Shines Bright* e *The Last Hurrah*, mesmo que não possua a força elegíaca e a amargura que estas obras-primas testemunham. Mas isso deve-se também a um maior optimismo que Borzage manifesta na sua obra e também ao período em que foi feito. *Vanishing Virginian* estreia-se praticamente em vésperas do ataque japonês a Pearl Harbor, num período em que a entrada dos EUA na guerra se tornava cada vez mais visível. O filme congrega assim a fé dos americanos nas suas instituições e no seu modo de

vida. Com esta posição, *Vanishing Virginian* aproxima-se mais de outros cultores de «Americana», em particular Henry King (e já falámos, noutras folhas, das relações entre a obra dos dois, a propósito de *Seventh Heaven*, que ambos filmaram, e *Liliom/Carousel*) ou do filme de Michael Curtiz, *Life with Father*. Uma certa forma tranquila e bonacheirona de retratar personagens e situações, e uma imensa ternura pelas personagens. Mas a personagem de Yancey (fabuloso Frank Morgan) é mais da família do Juiz Priest ou do Skeffington dos referidos filmes de Ford, na forma como se relaciona com a cidade, os amigos e a família, e como se empenha no trabalho de dirigir a cidade. Como em *The Last Hurrah*, Yancey, ao longo de 15 anos eleito sucessivamente para *mayor*, é derrotado pelo adversário (como as sequências bélicas em filmes anteriores, também a pugna eleitoral é elidida, sendo Borzage, como temos vindo a ver, mais um cineasta de contemplação do que de acção), mas a conclusão difere da do filme de Ford. À consternação da família (talvez mais ciosa dos privilégios adquiridos, como em *Secrets*) segue-se a manifestação dos seus apoiantes, que ele alegremente encabeça. Para Yancey, a maior vitória é a de possuir «a fine family and a multitude of friends».

Vanishing Virginian é a adaptação do romance de Rebecca Yancey Williams, baseado na vida do seu pai, retratando o seu percurso à frente da cidade de 1913 a 1929. E a segunda data tem uma função duplamente simbólica: o que desaparece é um espírito e um tipo de americano, o que coincide com o «crash» da Bolsa e a crise económica, que vem mudar a face da América e a forma de se encarar a si própria. Não é por acaso que este género de filmes só se manifesta a partir desta altura e, particularmente, com a recuperação económica que se começa a verificar em fins da década de 30 (em especial a partir de *The Adventures of Tom Sawyer*, de Norman Taurog, em 1938). Foi todo um mundo que morreu, deixando a nostalgia de tempos e anos de inocência que não voltam mais. Inocência que se reflecte no humor que percorre todo o filme, desde a inenarrável sequência da visita do jovem advogado a casa de Yancey, com as sucessivas diabruras do filho deste, que lembram *Meet Me in St. Louis*, de Minnelli, e o referido *Life with Father*, de Curtiz; a manifestação das sufragistas, envolvendo uma comprometida Rosa (Spring Byington); e outras de grande dramatismo (as mais fordianas), na cerimónia do enterro do velho negro Joah, com Kathryn Grayson justificando a sua presença no filme ao entoar um bonito espiritual. Aliás, o filme procura também explorar os dotes vocais da soprano, que nos brinda ainda com outros números, incluindo duas composições de Strauss.

Manuel Cintra Ferreira
Folha redigida originalmente em 16 de Junho de 1990